

Dora Kramer*

Impeachment seria saída extrema para crise de confiança do STF

A crise de confiança que assola o Supremo Tribunal Federal (STF) traz à tona um fato: o saber jurídico não é suficiente para fazer frente a circunstâncias de natureza política. É o que se depreende do desnorтеio dos ministros na busca por uma porta de saída no labirinto em que se encontram.

Divergem na leitura da cena, não se entendem sobre as razões da erosão de imagem, dividem-se na escolha das maneiras de reagir. A alguns parece que seja melhor apostar no espírito de corpo, na esperança de que o tempo do esquecimento dê seu jeito. Em outros prevalece a visão realista de que a solução reside na correção de condutas.

Isso no ambiente interno do tribunal, porque fora dele há a percepção de que a situação exige atitude radical: o afastamento dos ministros Dias Toffoli e Alexandre de Moraes. Se não for agora por pedido voluntário de licença ou aposentadoria antecipada, acabará sendo por clamor pelo impeachment de ambos.

Talvez não agora, quando a barreira de contenção conta com a parceria do também enrolado presidente do Congresso, Davi Alcolumbre (União

Brasil), nos enroscos do Amapá com o banco Master. Isso pode mudar se confirmada a alteração da correlação de forças no Senado a partir das urnas de 4 de outubro.

A eleição dos senadores estará decidida no primeiro turno, distante três semanas do resultado da disputa presidencial. A se confirmar a expectativa de que a hoje oposição faça maioria no Senado, é provável que o finalista oponente do PT seja levado a adotar a bandeira da solução externa. Vale dizer, o impeachment, caso não tenham sido tomadas providências internas.

No início de fevereiro de 2027, essa maioria escolherá o novo presidente da Casa, responsável por dar andamento a qualquer um dos inúmeros pedidos que impedimento já apresentados. Basta um para dar cumprimento àquela promessa de campanha.

O obstáculo de agora pode ser removido tanto se contemplar Flávio Bolsonaro (PL) quanto se conferir primazia ao candidato da chamada terceira via.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

Trump quer ser dono do mundo

Aonde quer chegar o cidadão, político e atualmente presidente dos Estados Unidos da América, Donald John Trump? Quando assumiu seu segundo mandato como 47º presidente americano, em janeiro de 2025, ele revelou o sonho de ser o escolhido para receber o Nobel da Paz. Perdendo a indicação, passou a andar em sentido contrário e vai se transformando no “senhor da guerra” que assusta o mundo e apavora praticamente todo o Oriente Médio.

Hoje, depois de invadir a Venezuela, prender o ditador Maduro – no que não estava de todo errado- Trump, junto com Netanyahu, incendeia o Oriente Médio, em nome de uma segurança de seus países, supostamente ameaçados pelo desenvolvimento da tecnologia atômica pelo Irã. E segue em frente, com a próxima parada em Cuba, um velho regime ditatorial que ele quer derrubar para implantar o seu regime de domínio sempre em nome da segurança de seu país.

Com quase 800 bases militares espalhadas em 80 países e territórios pelo mundo os Estados Unidos de Trump ainda se sente ameaçado ao ponto de colocar fogo no mundo. Mas Trump tem outros argumentos falaciosos para dominar o planeta. Em nome da defesa da economia de

seu país, “explorada” por todos, tentou impor tarifas de importação absurdas ameaçando a economia mundial.

Se viu obrigado a recuar por pressões internas. Agora, se apresenta ao mundo como defensor dos povos contra a ação criminosa dos narcotraficantes, que tenta rotular como terroristas, armando assim a desculpa para invadir o país, inclusive o Brasil, para combater o “terrorismo da droga”.

Um combate que se o propósito não fosse a dominação mundial, deveria começar pelo seu próprio país. Onde existe o consumidor- e por lá devem ser muitos- existe o tráfico em todas as suas escalas. Sem combater o consumo e a distribuição fica impossível combater o contrabando. E isto, parece, ele não anda fazendo.

Até aonde vai Trump com suas desculpas para dominar o mundo, militarmente e economicamente? Que a reação a este comportamento seja interna. Uma reação beligerante de uma outra grande potência militar levaria o mundo ao campo da terceira guerra mundial. É isto que Trump quer?

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Polarização ultrapassando todos os limites

A desumanização do adversário político transformou o cenário público brasileiro em um campo de batalha onde a empatia se tornou um recurso escasso e a morte ou o sofrimento físico passaram a ser instrumentalizados como ferramentas de celebração ideológica. O fenômeno de pessoas comemorarem a internação e o estado de saúde do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) revela uma falência moral que ignora a fronteira entre a divergência política e a barbárie civilizatória. Esse comportamento espelha a mesma baixa ética observada em episódios anteriores, como quando setores da sociedade manifestaram satisfação diante da morte do neto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), uma criança que foi alvo de escárnio em um momento de luto familiar profundo.

Quando a militância ultrapassa a barreira do respeito à vida e à integridade física, abandona qualquer pretensão de defesa de valores democráticos ou humanistas para se perder em um niilismo vingativo. A política, que deveria ser o espaço do debate sobre projetos de país e gestão da coisa pública, foi sequestrada por uma lógica de aniquilação simbólica do outro, onde a dor alheia serve de combustível para a satisfação de egos feridos por disputas partidárias. Não existe justificativa ética, moral ou religiosa que sustente o regozijo diante da doença de um representante eleito ou do

falecimento de um familiar de um líder político, independentemente do espectro ideológico que ocupem.

A perda de limites na convivência social reflete um processo de embrutecimento onde a ideologia se sobrepõe à condição humana básica, transformando indivíduos em caricaturas desprovidas de sensibilidade. O ódio canalizado contra figuras públicas transborda para as relações cotidianas, normalizando a crueldade como se fosse uma forma legítima de expressão política. Ao celebrar a fragilidade biológica de um oponente, o cidadão abdica da própria dignidade e contribui para a erosão dos laços sociais que permitem a existência de uma sociedade funcional.

É imperativo que se estabeleça um cordão sanitário moral contra essas manifestações de desrespeito, pois a convivência com o escárnio diante da dor alheia apenas acelera o colapso das instituições e da ética coletiva. A crítica às ações, às falas e aos projetos de qualquer governante é um direito fundamental e um dever na democracia, mas essa crítica perde toda a sua validade quando se transmuta em desejo de morte ou em festa diante de um leito de hospital. O resgate da civilidade passa obrigatoriamente pelo reconhecimento de que a vida humana possui um valor intrínseco que não pode ser relativizado por preferências eleitorais ou rancores históricos acumulados ao longo dos anos.

Opinião do leitor

Lucidez de Bernardo Cabral

Reserva ética e moral da nação, na avaliação de Aristóteles Drummond, Bernardo Cabral chega aos 94 anos com a consciência do dever cumprido, como notável homem público e cidadão. Ex-ministro da Justiça, ex-senador, ex-presidente nacional da OAB, membro de entidades culturais e jurídicas.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ACORDO NAVAL ENTRE INGLATERRA, FRANÇA E ITÁLIA ESTÁ NA FASE FINAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de março de 1931 foram: Inglaterra inaugura exposição comercial em Buenos Aires, na Argentina. Além disso, país europeu deseja que a parte final do acordo naval entre França e Itália seja elaborada pelos mesmos representantes do Tratado de Londres. Situação no Peru ainda não está completamente normalizada: nem política, nem socialmente.

HÁ 75 ANOS: BANGU E SÃO PAULO ORGANIZAM EXCURSÕES PARA A EUROPA

As principais notícias do Correio da Manhã em 17 de março de 1951 foram: Tropas Aliadas empurram cada vez mais os exércitos chineses para o Norte da península. Congresso aprova medida de intervenção do governo argentino no “La Prensa”. Crise no PTB pode provocar a demissão da ala Queremista dissidente. Bangu e São Paulo farão excursões na Europa. Antes, o Bangu pega o Palmeiras no Rio-São Paulo

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)

claudio.magnavita@gmail.com

Redação:

Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso:

Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte:

José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones:

(21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp:

(21) 97948-0452

Rio de Janeiro:

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília:

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SR - CEP 05001-200

Campinas:

Avenida Aquidabã, 786, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.